

“NOSSA, A ESCOLA ESTÁ AMIGA DOS GAYS!”: A CONSTRUÇÃO DE UM PROJETO EM DIVERSIDADE NO COLÉGIO XINGU

Camila Veloso Sanches¹
Viviane Gonçalves Passarini²

RESUMO

Entendendo a escola como propulsora da democracia e da cidadania, comprometida com as lutas sociais e com a construção do sujeito crítico surge, no colégio Xingu, a urgência de trazer para o dia a dia escolar as pautas voltadas a gênero e sexualidade. Assim, carregando a essência de valorização do aluno como agente transformador, crítico, dotado de sentimentos e emoções, apresenta-se, neste trabalho, o caminho percorrido pela comunidade escolar em direção a tal objetivo. Gênero é entendido como social e culturalmente construído, com marcas históricas e, portanto, variante. Passando por formação docente, pela implementação crescente das aulas de educação em sexualidade na grade escolar e pela construção de espaços democráticos de fala e acolhimento voltados a tais temáticas, espera-se que a experiência, as vitórias e as dificuldades vivenciadas pelo colégio possam ser vistas como inspiração para que cada vez mais esse seja um cenário comum dentro da educação básica brasileira.

Palavras-chave: Educação em Sexualidade; Diversidade; Sexualidade; Ensino básico.

1 Educadora graduada pelo Curso de Psicologia da Universidade Federal de São Paulo - SP, sanches21@unifesp.br;

2 Educadora graduada pelo Curso de Sociologia da Fundação Santo André e Pedagogia da Universidade Municipal de São Caetano do Sul- SP, direcao@colegioxingu.com.br;

INTRODUÇÃO

A escola como palco, propulsora da democracia e da cidadania deve proporcionar às crianças e jovens espaços em que o senso crítico seja trabalhado, amparado e encorajado, formando-as como cidadãos de forma integral à medida que as dão instrumento para se pensar, assim como para pensar o mundo, estabelecendo opiniões e construindo um senso argumentativo que será base para o resto de suas vidas. Dentro desta lógica, e de acordo com Leite (2019), podemos identificar, a partir de nossa nova Constituição Federal de 1988, a possibilidade de que gênero, sexualidade e reprodução se tornassem campo de exercício do direito. Tal momento abre portas, então, para que os documentos nacionais de educação acompanhem este processo. Ainda segundo o posicionamento da autora, entender as crianças e os jovens como sujeitos de direitos (papel importantíssimo da escola) é apostar na construção de uma visão positiva a respeito do conjunto de aspectos em torno (e que formam) a existência, incluindo aí gênero e sexualidade.

No sentido dessa discussão, entende-se que tais espaços são mais eficazes, agregando mais valor e sentido à vivência escolar destes agentes, quando permeado pelas temáticas mais próximas de seus interesses e cotidianos. Quando este direcionamento é assumido coloca-se em prática, também, o claro posicionamento frente ao compromisso com a vivência dos alunos, colocando-os como protagonistas dentro de seu processo de ensino-aprendizagem. Falando sobre temáticas que estão ao seu alcance, usando de instrumentos presentes em seu dia a dia, em meio a espaços não hierarquizados, tornando a fala livre e despreocupada, passamos a valorizar a experiência das juventudes, neste sentido as valorizando também, as colocando como protagonistas dentro de seu processo escolar e íntimo, reforçando sua autoestima e praticando uma educação libertadora, movimento que acaba por os (e “nos”, como sociedade) presentear com sua própria emancipação, seguindo os ensinamentos trazidos por Paulo Freire (1970).

É neste contexto e em meio a esta missão que, hoje, o colégio Xingu constrói suas ações, inovações e renovações. Escola com 50 anos de tradição, carrega desde sua gestação a veia democrática, cuidando de maneira integral do bem-estar dos alunos e dos professores, com um aguçado e estabelecido senso comunitário.

Tendo como base toda e qualquer atividade desenvolvida dentro ou fora do chão escolar, a instituição entende como principal missão a de formar indivíduos críticos, conscientes e autônomos, características que permitem a construção de interações respeitadas e banhadas de responsabilidade no meio social. Assim, carrega como essência a valorização do aluno como agente transformador, crítico, dotado de sentimentos e emoções.

Entendendo os valores base do respeito, autonomia, conhecimento, cooperação e sustentabilidade presentes no ato de ensinar e cuidar do colégio, rumar em direção a maior presença das discussões de gênero e sexualidade parece mais do que necessário: se torna essencial enquanto posicionamento ético-político. Soma-se ao já colocado a urgência de trazer tais assuntos para a escola, entendendo que tal explanação é essencial para que, junto há outras ações e temáticas, possa ser construído um ambiente em que a diferença passe a ser vista em um aspecto positivo (KAERCHER, 2012). Nesse sentido, é importante que as práticas oferecidas no chão da escola mostrem diferenças que singularizam, mas não hierarquizam ou desvalorizam (PELÚCIO, 2014), como no caso dos meninos e das meninas.

A categoria gênero é entendida, segundo Pelúcio (2014) como social e culturalmente construída, com marcas históricas e, portanto, variante. Se relaciona com o corpo, mas isso não a torna natural. Sendo assim, é plural. Além disso, está intrinsecamente imbricado em nossas identidades que, por sua vez, também não podem se definir enquanto essenciais, imutáveis, e sim construídas. Dessa forma novamente é reafirmado seu caráter mutável, aquele que se constrói socialmente. É preciso pensar fora dos “marcos essencialistas”, o que não é uma tarefa fácil (p. 138). Ainda segundo Scott (1995), teórica muito importante dentro dos estudos de gênero, tratar sobre tal questão volta-se ao ato de entendê-la por meio de uma categoria de análise, ou seja, é preciso que gênero seja entendido como uma lente para enxergar, analisar o mundo, já que permeia tudo que é construído por ele mesmo encontrar-se como construção. Assim: “O gênero, então, fornece um meio de decodificar o significado e de compreender as complexas conexões entre várias formas de interação humana” (p. 89) Com toda essa definição em mente, entendemos que é preciso desnaturalizar o conceito de gênero, o entendendo enquanto dimensão política, estando diretamente relacionado às relações de poder.

Entende-se a ênfase nas temáticas a respeito do gênero e da sexualidade como importante à medida que se percebe tais questões envolvidas por fortes tabus em nosso meio social. Sendo a escola um espaço entendido como, ao mesmo tempo, produtor e reproduzidor de práticas sociais, tais tabus interferem diretamente na forma como é construída a escuta frente a essas temáticas. Segundo Pelúcio (2014) a escola mostra-se como um importante lócus de construção dos gêneros através de uma silenciosa e persistente pedagogia de gênero. A autora ainda nos coloca, citando a teoria foucaultiana, que os silêncios são discursos poderosos. O que andamos calando no espaço educacional? Certamente questões de gênero e sexualidade se encontram nesta lista.

METODOLOGIA

O presente artigo constrói-se como um relato de experiência baseado na vivência da implementação de novas ações voltadas à temática de gênero e sexualidade no período de 2020 - 2023 dentro do Colégio Xingu. Baseia-se, em especial, nos encontros do Clube da Diversidade ministrados nas tardes de Terça-Feira, das 14h30 às 16h. Foram realizados, no total, 10 encontros com jovens do Ensino Fundamental II durante o ano de 2023.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

É em meio ao contexto apresentado e da intensa ebulição de pensamentos retrógrados e conservadores no meio social que o colégio passa a assumir sua posição constante na luta contra as discriminações de gênero e sexual. Tal trajetória se inicia no final do ano de 2020 com a busca por auxílio externo da Psicóloga e Sexóloga Lara Perasso pautados nos desafios que estavam sendo encabeçados pelo corpo de alunos frente às bases existenciais dos colaboradores do colégio, principalmente frente a equipe de gestão. Assim, tal processo se inicia em meio a postura subversiva dos alunos frente às violações que, estando estes em um espaço democrático e que incita a todo momento o senso crítico, foram expostas e reivindicadas pelos alunos. Neste mesmo momento, demandas em relação a identidade de gênero e orientações sexuais surgem em meio ao mesmo tom de busca ativa por mudanças e novas adequações.

Investiu-se em formações, treinamentos da equipe, uma consultoria inicial que acabou por se desdobrar em um projeto que tende a crescer cada vez mais: o projeto de Educação em Sexualidade. Nesse sentido, desde setembro de 2022 as turmas de ensino fundamental dois recebem aulas mensais a respeito da ampla temática da sexualidade, com questões, pontuações e necessidades recolhidas diretamente com os alunos. No início de 2023 o projeto se expande para as turmas finais do ensino fundamental um.

Com tal expansão, percebe-se cada vez mais a urgência de fazer diária a luta escolhida. Baseado nestes entendimentos, então, há a proposição por parte da direção de mais um espaço institucional para tratar de tais temáticas, atitude que firma, por mais uma ação, o compromisso ético-político assumido. Assim, inicia-se a idealização do projeto intitulado “Clube da Diversidade”. Espaço pensado em meio a lógica de construção coletiva, desempenha o papel de atribuir ao processo de ensino um espaço dedicado à facilitação de debates e discussões a respeito de temas contemporâneos, em especial voltados às questões relacionadas ao

gênero e sexualidade. Foi ofertado, a princípio, de maneira mensal aos alunos da Etapa II que se interessassem, porém passou a quinzenal no segundo semestre do ano letivo.

Em meio a uma atmosfera de horizontalidade, não hierárquica e voltada a escuta e acolhimento ativo, pretendeu-se construir um momento em que jovens possam trabalhar seu senso crítico, encontrando, ao mesmo tempo, um lugar em que sua condição frente a juventude e os desafios que a mesma oferta possa ser amparadas, reforçando, em todo o processo, a maneira como o aprendizado se qualifica como uma via de mão dupla, em que educadores e educandos se implicam de maneira total em meio às trocas.

Um exemplo bastante próximo do proposto se encontra na experiência explicitada por Rodrigues e Melo (2018), dentro do intitulado “Projeto Mulheres Inspiradoras” (PMI). Por meio da apresentação de grandes mulheres da história, o projeto tem como principal objetivo a possibilidade de “volta a si” por parte dos jovens, ampliando o repertório de possibilidades de cada um dos participantes. Nesse sentido, o Clube da Diversidade tem como função a criação de um espaço em que a potência do “vir a ser” e daquilo que se é será sempre reforçada e valorizada. É importante lembrarmos, como traz a autora, que “Transgredir a escola nesses moldes é permitir à escola se reinventar; reinventar a escola é permitir à sociedade um sopro de vida que traga novos ventos a si mesma” (p. 182)

A coordenadora do projeto se propôs, desde o início da construção da presente ideia, a estudos direcionados às temáticas que julgou mais relevantes frente a tarefa de mediação em conjunto com os jovens. É importante salientar que o papel de coordenador, dentro das linhas teóricas que se acredita, exige a ideia de escutarCOM, ou seja, sentir com o outro, pensar com o outro, emocionar-se com o outro, entregando-se em meio a um processo que garante, a todo momento, um espaço livre de hierarquias (PEREIRA, SAWAIA, 2020). Nesse sentido, a prática grupal passa a ser significada como comprometida frente ao desenvolvimento dos sujeitos, provocando ruídos, inquietações, reflexões em meio a esse processo que exige a presença de sujeitos vivos, livres, reflexivos, reconhecendo o grupo como um espaço de potência, trazendo ressignificações, produções de novos afetos (PEREIRA, SAWAIA, 2020).

Ainda amparadas no pensamento das autoras citadas, entendemos que os encontros devem ser construídos pelos e para os jovens, sendo maleáveis e prontos a modificação em meio à avaliação encontro a encontro, o que sugere a falta de um roteiro fechado.

Assim, em meio ao clube proposto, se torna possível um maior acolhimento das referidas questões, as tratando com os devidos cuidados e atenção

necessários já que “é fundamental propomos práticas que permitam que os sujeitos se constituam livres e responsáveis para a vivência plena de sua sexualidade” (VARELA, RIBEIRO, 2017, p. 22), assim como a vivência plena e respeitosa em meio às relações de gênero.

De toda forma, ficou evidente, ao longo do ano letivo, a maneira como o trabalho despertou, na comunidade escolar como um todo, reações bastante complexas. Sendo assim, as iniciativas, apostas e novas escolhas feitas por parte da equipe de gestão pareceram trazer à tona feridas, travas, desconfortos e lutas, coletivas e individuais.

Um ponto extremamente relevante e que se destaca na discussão do trabalho apresentado é a observação dessas reações, reações estas regadas de questionamentos. Questionamento de familiares, de profissionais, de alunos. Tais questionamentos, por sua vez, geraram, inclusive, buscas pela instância máxima da escola: a direção.

Jovens tocados pelas aulas de educação em sexualidade, que pediam o aumento da periodicidade do Clube da Diversidade e, também, bastante contrariados e incomodados com a maneira, leve, natural e tranquila em que temáticas envolvidas de grandes tabus eram tratadas. Neste momento, entrava-se em choque culturas familiares das mais diversas, incluídas aí aquelas mais restritivas, gerando certa confusão e desamparo de alunos/as/es muito imersos nesse cotidiano.

Responsáveis preocupados, responsáveis curiosos, responsáveis sem compreender ao certo como lidar com os aspectos que transbordavam a vivência escolar e chegavam ao âmbito privado. Responsáveis que procuraram os símbolos dessa mudança, encarnados nas educadoras responsáveis pelos projetos, para, inclusive, confidenciar seus medos e receios, suas dúvidas e desejos. Houve momentos, também, em que o objetivo era evidente: combater os avanços. Em um atendimento específico com essa intenção a psicóloga e sexóloga responsável pelo projeto de Educação em Sexualidade precisou, inclusive, ser acionada.

Profissionais também buscaram expor suas angústias, mesmo que em uma menor quantidade. Chega-se a obter, inclusive, avisos frente a falta de identificação profissional com as escolhas, avisos com tom de despedida e impossibilidade de diálogo frente a situação. De toda forma, com ou sem verbalização, o clima que se estabeleceu era perceptível, já que permeava os corredores, as conversas em espaços de convivência e mesmo a postura escolhida frente encontros formativos e oportunidades de acolhimento de dúvidas: grande parte dos colabores, defendendo seus princípios conservadores, se incomodava com os “rumos” do colégio, em suas próprias palavras. É importante salientar que, sendo este um projeto

defendido pela instituição, deve tornar seu estabelecimento mais consistente através de um enraizamento de sua atuação em meio a vivência e propagação de todos os/as/es colaboradores, fato pouco visto em meio ao cenário citado.

Todos estes agentes foram acolhidos, escutados e encorajados ao fortalecimento pela direção, que em momento algum questionou as próprias escolhas de luta. Mesmo em meio ao incentivo à criação de um ambiente horizontal, acolhedor e democrático, o que mais surgiu foram posicionamentos combativos e polarizados, posicionamentos estes que não toleravam, em hipótese alguma, opiniões contrárias. Em meio a esse rechaço ao debate democrático, foi percebida a escolha, por parte dos colaboradores em geral, pela formação de certos grupos com opiniões parecidas para, dessa forma, dialogar, fato que enfraquece o importante diálogo democrático dentro da instituição.

Assim, pode-se perceber um certo padrão responsivo que parece se fortalecer e intensificar frente a vivência política que o país obteve nos últimos quatro anos, padrão este que de maneira alguma amplia um debate saudável, a partir do momento que a escuta de opiniões contrárias não é suportada ou sustentada. A onda neoconservadora que invadiu o país em meio a vivência do regime Bolsonaro, do PL (Partido Liberal) tem sua influência neste cenário. Segundo Barroco (2022) presencia-se contemporaneamente a maior presença da direita e da extrema direita na política, gerando ideologias que resgatam ideias fascistas e conservadoras. Tais grupos políticos se unem a partir de certas premissas e se baseiam, ainda segundo a autora, em uma “(...) vida cotidiana (...) marcada por uma sociabilidade cindida entre ‘nós e eles’” (BARROCO, 2022, p. 14). A autora aponta estudos e tópicos que mostram de maneira objetiva a inserção do último governo neste âmbito, em que tal separação se fortalece em termos moralizantes, como aqueles que dizem respeito à pauta anti-gênero e contrária à presença de educação em sexualidade nas escolas. Com isso em mente, a hipótese levantada de posicionamento gestado e reforçado em meio ao governo anterior se reforça.

Mesmo em meio a tais dificuldades, obteve-se o total de onze inscritos, três alunos do gênero masculino e sete alunas do gênero feminino e um alune que se identificava enquanto bigênero, todas/os/es entre a idade de 11 a 14 anos. Deles, seis, dois alunos do gênero masculinos e quatro alunas do gênero feminino, participaram do primeiro encontro do clube no dia 25 de abril de 2023, junto com a responsável e com a Orientadora Educacional do colégio. Os temas tratados ao longo dos 10 encontros ocorridos no ano letivo de 2023 foram: Fortalecimento de autoestima; Incentivo da autovisão; Conhecendo a comunidade LGBTQIAPN+; Acolhimento e vínculo grupal; Cultura do Cancelamento; Masculinidades; Sonhos.

É importante falarmos a respeito do feedback que nos foi dado pelas alunas, alunos e alunas que participaram do encontro. Percebemos que o objetivo de criar um espaço de fala livre e de escuta sensível foi atingido, à medida que os pontos fortes levantados se referem muito a esse espaço de confiança e desabafo. Também foram elogiados o acolhimento dentro do grupo, assim como a possibilidade de serem “anônimos” em meio a algumas atividades que envolviam exposição de grandes questões para eles.

Nos pontos a serem pensados para o próximo ano, a questão mais levantada é a periodicidade do clube, em que os alunos pedem pelo semanal. Também falam sobre a possibilidade de conseguir mais membros, assim como a exploração de novas temáticas. A questão do espaço físico onde ocorre o grupo é citado uma vez.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como colocado é de extrema importância que reinventemos a escola para que, assim, possamos permitir novos rumos enquanto sociedade. De toda forma, é importante salientar que tais rupturas não vem sem uma grande luta, sem as grandes resistências conservadoras e sem o auxílio constante do estudo, aprimoramento e investimento em tais temáticas.

Sendo assim, entende-se a que o projeto iniciado pelo Colégio Xingu, projeto este que encontra-se apenas no início de uma grande e frutífera caminhada, baseia-se nos ideais de construção coletiva e contínua, visando o protagonismo do jovem e seu empoderamento frente às próprias potências do ser. Espera-se que a experiência, as vitórias e as dificuldades vivenciadas pelo colégio possam ser vistas como inspiração para que cada vez mais esse seja um cenário comum dentro da educação básica brasileira.

REFERÊNCIAS

BARROCO, Maria Lúcia da S.. Direitos humanos, neoconservadorismo e neofascismo no Brasil contemporâneo. **Serviço Social & Sociedade**, [S.L.], n. 143, p.12-21, abr. 2022. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/0101-6628.268.>,

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1970

PEREIRA, Eliane Regina; SAWAIA., Bader Burihan. **Práticas grupais: espaço de diálogo e potência**. São Carlos: Pedro & João, 2020.

VARELA, Cristina Monteggia; RIBEIRO, Paula Regina Costa. EDUCAÇÃO PARA A SEXUALIDADE: A CONSTITUIÇÃO DE UM CAMPO CONCEITUAL. In: RIBEIRO, Paula Regina Costa; MAGALHÃES, Joanalira Corpes (org.). **Debates contemporâneos sobre Educação para a sexualidade**. Rio Grande: Ed. da Furg, 2017. p. 11-24.

SCOTT, Joan Wallach. “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995, pp. 71-99

PELÚCIO, Larissa. Desfazendo o gênero. In: MISKOLCI, Richard; LEITE JÚNIOR, Jorge (org.). **Diferenças na Educação e outros aprendizados**. São Carlos: Edufscar, 2014. Cap. 3. p. 97-147.

LEITE, Vanessa. “Em defesa das crianças e da família”: refletindo sobre discursos acionados por atores religiosos conservadores em controvérsias públicas envolvendo gênero e sexualidade. **Sexualidad, Salud y Sociedad** (Rio de Janeiro), [S.L.], n. 32, p. 119-142, ago. 2019. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/1984-6487.sess.2019.32.07.a>.

FERNANDES, Richard; MELO, Iran Ferreira de; NASCIMENTO, Gláucia Renata Pereira do. Um passo a mais para entendermos a leitura crítica: notícia, gênero, sexualidade e educação. **Revista Brasileira de Estudos da Homocultura**, [S.L.], v. 3, n. 11, p. 253-279, 1 mar. 2021. Pimenta Cultural. <http://dx.doi.org/10.31560/2595-3206.2020.11.10766>.

RODRIGUES, E. H. S.; MELO, I. F. de. Por uma pedagogia que liberte todas as cores: o projeto mulheres inspiradoras e seu potencial para o enfoque em dissidências de gênero e sexuais: the project Mulheres Inspiradoras and its emancipatory potential for gender and sexual dissents. **Cadernos de Linguagem e Sociedade**, [S. l.], v. 19, n. 3, p. 164-184, 2018. DOI: 10.26512/les.v19i3.17722. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/les/article/view/17722>. Acesso em: 3 mar. 2023.

KAERCHER, Gládis Elise Pereira da Silva. Racismo e educação anti-racista: Desafios Contemporâneos da escola. In: FILHA, Constantina Xavier (org.). **Sexualidade, gênero e diferenças na educação das infâncias**. Campo Grande: Ed Ufms, 2012. p. 89-102.